

## NACIONAL

**Lula e Marta  
discordam sobre  
vice em SP**

Página A6

**PP lança Maluf  
para concorrer  
com PT e Serra**

Página A7

**Ermírio acusa  
MST de fazer  
marketing político**

Página A8

## GOVERNO

# Proposta de 'pacto nacional' divide governo

Sergio Dutti/AE

*Idéia lançada sábado  
por José Dirceu desperta  
apoio de ministros e  
ceticismo de empresários*

**B**RASILIA – A proposta feita no sábado à noite pelo ministro-chefe da Casa Civil, José Dirceu, de um “pacto de união nacional” para enfrentar uma possível crise externa nos próximos meses, divulgada ontem pelo **Estado**, recebeu ontem apoio de alguns ministros e líderes petistas, causou desconforto à equipe econômica, foi recebida com ceticismo por empresários e, no Congresso, mereceu reparos de aliados e da oposição. Para muitos ficou evidente que persistem as divergências antigas entre Dirceu e o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, sobre os rumos da política econômica.

O ministro Celso Amorim, das Relações Exteriores, apoiou Dirceu. “Temos que ter planejamento de contingência”, advertiu ele antes de entrar para uma palestra na Camex, em Brasília. Ele lembrou que decisões de preparação para uma crise “não são decisões tenocratas. São decisões políticas e têm que ter a sociedade por trás delas”. O ministro Guido Mantega, do Planejamento, tentou explicar: “Dirceu está falando como uma precaução de algo que pode piorar ou não”. Ele disse estar otimista em relação à situação do mercado porque, na sua opinião, “já estamos vivendo o pior” – uma referência ao possível aumento de juros nos EUA, decorrente de um “movimento especulativo” que venha a afetar os preços do petróleo.

**Acordos** – O presidente do PT, José Genoino, puxou a idéia para as relações entre Planalto e Congresso, trocando a idéia de pacto por uma outra, de acordos pontuais. Para ele, certos temas “podem ser tratados com todos os partidos, com todas as forças políticas e econômicas”. Genoino entende que esse pacto nada mais é do que a retomada do “clima de negociação” entre governo e oposição para votar matérias importantes.



José Dirceu, em nota explicativa: ‘defendi a política econômica todo o fim de semana. A política deve ajudar economia a superar as dificuldades’

No entanto, a sugestão de pacto foi contestada pelo secretário do Tesouro, Joaquim Levy – para quem a atual política econômica “é segura” –;

e esteve longe de entusiasmar os empresários. Houve até críticos, como o petista Paulo Delgado (PT-MG), para quem “o pacto não é para pro-

teger o ministro Palocci. É para ele pagar o pato”.

**Desconforto** – A declaração de Dirceu, na verdade, causou

desconforto à equipe econômica, embora ninguém assumisse de público. Reservadamente, o entendimento é de que Dirceu, mesmo que de forma não inten-

cional, gerou o sentimento de que a política econômica não é eficaz para enfrentar uma crise externa. As declarações do ministro, segundo fontes, alimentam análises de que, a qualquer momento, o governo pode alterar o rumo da sua política econômica. “É comum no mercado se ouvir comentários de que não há unidade no governo em relação à economia. E essas declarações, mesmo não intencionais, alimentam essa desconfiança”, reagiu uma fonte.

No início da noite, o ministro-chefe da Casa Civil contornou o mal-estar explicando, em nota de sua assessoria, que as declarações não deveriam ser lidas com uma crítica à política econômica, mas sim como defesa de um amplo acordo político para enfrentar uma eventual crise. “A política deve ajudar a economia a superar essas dificuldades”, informou a assessoria. Nesse sentido, “é importante a aprovação dos projetos da Lei de Falências e de Parceria Público-Privada no Congresso”.

No Congresso, petistas e aliados reagiram com preocupação. “Quem tem responsabilidade de governo não pode discutir política econômica em público a menos que não acredite na repercussão de suas idéias”, criticou o deputado Paulo Delgado (PT-MG). completou. “Não estamos em um regime de gabinete onde existe a figura do primeiro ministro”, observou Delgado.

Outra crítica partiu do presidente do PMDB, Michel Temer. Para ele, a proposta de Dirceu “gera um certo desconforto, já que não há uma crise externa iminente”. Esse tipo de proposta, prosseguiu, “cria uma preocupação desnecessária”. O presidente nacional do PPS, deputado Roberto Freire (PE), apoiou a proposta de Dirceu. “É interessante que dentro do governo se comece a discutir a formulação de uma nova política econômica”, entendeu ele. (Adriana Fernandes, Beatriz Abreu, Conrado Corsallete, Isabel Sobral, James Allen, Leonêncio Nossa e Rita Tavares)

■ Mais sobre a proposta de José Dirceu na coluna “Direto da Fonte”, página B2